

Pagamento simbólico facilitará acordo

Ao ser indagado ontem se os bancos credores estão aceitando a proposta do Brasil de primeiro negociar com eles e só depois fechar um acordo com o FMI, o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, disse que "isso é uma coisa complicada" e que a negociação não vai ser tão fácil assim. "Eu expliquei bem para os bancos, os bancos aceitam com certa facilidade. Para eles o fundamental é receber um pagamento simbólico e claro, vai ser importante para eles a redução do spread,

que nós estamos pedindo".

Em entrevista ao programa Bom Dia Brasil, o ministro reafirmou também que foi aos Estados Unidos com uma série de objetivos, entre os quais estabelecer uma data para iniciar as negociações e apresentar o Plano Macroeconômico e os resultados que já foram alcançados. E nesse sentido, disse, "tive a melhor receptividade possível. Realmente, todos fizeram elogios ao que está acontecendo na economia brasileira".

Ele revelou qu "o Brasil

vai precisar dos bancos de 7,2 bilhões de dólares, em dois anos, que são desembolsados a cada três meses em várias parcelas. Isso sem que o FMI interfira no processo. Antes, o Brasil, fazia primeiro acordo com o FMI. E, nós fizemos agora ao contrário: acordo direto com os bancos".

E comentou: "Nós não iremos ao FMI antes de acertar com os bancos. Nós não daremos todo esse poder ao FMI. O Brasil é um País muito poderoso e muito responsável para entrar

nessa situação".

"Nós queremos dinheiro do Japão, que deverá vir no próximo ano. Para obter dinheiro do Japão, mais de um bilhão de dólares por ano, nós precisaremos ter antes um acordo com o FMI", esclareceu Bresser. "Para facilitar as negociações com o Clube de Paris nós precisaremos do dinheiro do FMI e também o próprio dinheiro do FMI nos interessa. E de qualquer forma nós só iremos ao FMI, se houver acordo com o nosso plano".